



GT 023. Antropologia, gênero e saúde no contexto neoliberal e neoconservador no Brasil: desafios e estratégias de enfrentamento

Rozeli Maria Porto (UFRN) - Coordenador/a, Mônica Franch (Universidade Federal da Paraíba) - Coordenador/a

Nas últimas décadas, o avanço na pesquisa antropológica sobre as articulações entre gênero, saúde e sexualidade tem evidenciado problemáticas importantes no campo dos Direitos Humanos e fundamentais. Reflexões relacionadas à saúde sexual e reprodutiva de mulheres e homens, em suas várias orientações de gênero e sexualidade, têm provocado aos pesquisadores em um campo moral a pensarem no entrecruzamento desses direitos com diferentes marcadores sociais da diferença. Essas questões se tornam urgentes num contexto hodiernamente sombrio no país, marcado pela implantação de um projeto econômico e socialmente excludente, que está levando ao desmonte de políticas públicas de saúde. Os direitos relativos ao aborto, ao parto humanizado, o acesso a serviços de saúde para travestis e transexuais ou, ainda, a prevenção e tratamento de infecções sexualmente transmissíveis, como o HIV/Aids, estão cada vez mais ameaçados diante de tais circunstâncias. Frente aos desafios impostos por esse contexto neoliberal e neoconservador, a proposta deste GT é refletir sobre as estratégias teóricas, metodológicas e políticas que estamos desenvolvendo no cotidiano de nossas pesquisas em torno das questões de gênero, saúde e sexualidade. Podem girar em torno de temas como maternidade, aborto, HIV/Aids, Tec. Reprod., diversidade sexual e transexualidade, e suas articulações entre gênero, classe, raça, etc; relações e/ou conflitos com o Estado; fluxos de poder, influências políticas, morais e/ou religiosas.

Gênero como categoria de análise para a Antropologia: contribuições das abordagens pós-coloniais

Autoria: Priscilla Braga Beltrame

O objetivo deste ensaio é realizar uma breve reflexão a respeito das contribuições das teorias pós-coloniais para analisar e compreender sociedades do sul global, caracterizadas por terem sido ex-colônias, como por exemplo o Brasil. Especificamente a questão trazida é a contribuição da teoria pós-colonial feminista de Rita Laura Segato (1998; 2012; 2016) para compreender as particularidades e universalidades de sistemas de gênero. O texto é dividido em três tópicos de discussão. No primeiro tópico é realizado um apanhado de autores(as) pós-coloniais e a caracterização deste conjunto teórico para a Antropologia, citando autores(as) como Talal Asad (1975), Achille Mbembe (2001), Sérgio Costa (2006) e Larissa Pelúcio (2012). No segundo tópico as teorias de gênero construídas no Norte global de Gayle Rubin (1979) e de Joan Scott (1986) são trazidas à tona com o objetivo de poder relacioná-las às contribuições das reflexões de gênero desenvolvidas em países do Sul global. E por fim, no último tópico a teoria de gênero de Segato (1998; 2012; 2016) será abordada com o objetivo de compreender de que forma a partir do diálogo entre teorias de Norte e do Sul pode-se construir ferramentas analíticas melhor adaptadas para compreender gênero em contextos pós-coloniais. A questão teórica do ensaio é inspirado no questionamento de Mbembe (2001) a respeito de que forma teorias pós-coloniais contribuem com construções teóricas para a compreensão de contextos sociais distintos dos contextos nos quais foram construídas teorias antropológicas consideradas mais clássicas. E ainda mais especificamente, e no que se refere a questão central do ensaio, de que forma teorias pós-coloniais podem contribuir para pensar gênero como uma categoria de análise em sociedades da América do Sul.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

